

Sobre os pontos do percurso:

1. Biblioteca Pública do Estado

Até a década de 1940, funcionava no local o Clube Germânia, que foi fechado e desapropriado por não ter alterado seu nome no período da Segunda Guerra Mundial, passando a pertencer ao Governo estadual com o nome de Casa de Santa Catarina. No local, funcionou a partir de 1951 a sede do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), sendo para isto fundamental o apoio do interventor Nereu Ramos, associado à entidade. Velho e abandonado devido à falta de verbas para sua manutenção, o prédio ruiu durante fortes chuvas em 1966.

Criada em 1854, a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina é responsável pela conservação, organização e disponibilização ao público de amplo patrimônio bibliográfico e documental do Estado, constando mais de 115 mil itens em seu acervo. Até 1857, quando foi transferida para o Liceu Provincial de Santa Catarina, funcionou junto à Assembleia Legislativa, na Praça Pereira Oliveira. Entre 1866 e 1960, ocupou duas edificações (em períodos diferentes) na Rua do Livramento, atual Rua Trajano, passando posteriormente a outros prédios da região central até chegar à sua sede atual em 1979.

2. Cúria Metropolitana / Arquivo Histórico Eclesiástico

Em 1908, por conta da elevação, pelo papa Pio X, do Estado de Santa Catarina a diocese (circunscrição territorial para a qual a Igreja Católica designa um bispo ou arcebispo específico), foi inaugurada esta edificação, sede do Arcebispado. Cercado por amplo jardim, o prédio apresenta elementos clássicos, barrocos e art-nouveau nas fachadas.

Atualmente, funcionam no conjunto a Arquidiocese de Florianópolis, a Cúria Metropolitana, a Mitra Metropolitana, a Ação Social Arquidiocesana, a Livraria Arquidiocesana e o Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina. Este último é responsável pela salvaguarda de documentação ligada às atividades da Igreja Católica no Estado, como livros de batizados, de casamentos e de óbitos. As peças mais antigas são de 1751. O arquivo funciona no período matutino nas segundas, quartas e sextas-feiras e no período vespertino nas terças e quintas-feiras. É necessário agendar visita pelo telefone 3224-4799.

3. Casa de Oswaldo Rodrigues Cabral

A casa fez parte de uma paisagem composta por chácaras circundadas por hortas, pomares e pequenas criações de animais, que, principalmente após a década de 1970, foi gradativamente substituída pelos edifícios de apartamentos. Nela, residiu o historiador, político, médico, professor e jornalista Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978), cujo acervo documental particular é abrigado até hoje na ainda residência da família. Em estilo neocolonial, o bem é protegido por tombamento municipal desde 1989.

4. Colégio Catarinense / Museu do Homem do Sambaqui

Fundado em 1906, o Colégio Catarinense procurava seguir o modelo educacional do Colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro, principal estabelecimento educacional do país na época. Assim, se firmou, concomitantemente ao Colégio Coração de Jesus, como instituição voltada para a formação intelectual dos filhos das classes dirigentes do município. Inicialmente funcionou em prédios alugados e, posteriormente, passou a pavilhões construídos em caráter provisório. O prédio definitivo data de 1924 e é tombado em nível municipal.

No complexo educacional, localiza-se o Museu do Homem do Sambaqui, organizado a partir de 1964 pelo Padre João Alfredo Rohr (1908-1984). Especializado em arqueologia pré-histórica, o Museu reúne mais de 5 mil peças, em sua maioria datadas de aproximadamente 8 mil anos atrás. Trata-se de esqueletos, urnas funerárias, artefatos líticos e fragmentos cerâmicos descobertos em sítios arqueológicos na Ilha de Santa Catarina e no interior do Estado. O acervo está tombado em nível federal e estadual. O museu funciona de segunda a sexta-feira, das 13h30min às 17h30min, sendo necessário agendar visitas pelo telefone 3251-1616.

*“A paisagem da Praia de Fora é verdadeiramente encantadora, pelo conjunto delicado de planos, altos e encostas arborizados, onde predominam os coqueiros silvestres, as palmeiras, as mangueiras e cedros, no meio de outras árvores frutíferas espalhadas aos milhares e das grossas moitas de arbustos, por entre as quais branquejam os frontões das vivendas e chácaras elegantes e da mais variada arquitetura, desde o chalet de modelo suíço às casas de estilo alemão, acomodadas ao clima tropical, com avarandados à frente ou ao lado.”
(Virgílio Várzea, Santa Catarina – a ilha, 1900)*

5. Antiga Faculdade Catarinense de Filosofia

Criada em 1951, por figuras de destaque do cenário político e intelectual catarinense (como Henrique Fontes, Oswaldo Rodrigues Cabral, padre Alfredo Rohr e Oswaldo Bulcão Viana), a Faculdade Catarinense de Filosofia entrou efetivamente em funcionamento em 1955. Nos seus inícios, além de parte das dependências do Colégio Catarinense, ocupou três prédios: um, na Rua Esteves Junior (n.º. 179), que abrigava a diretoria, a secretaria, a tesouraria, a biblioteca, o laboratório de reproduções fotográficas, algumas salas de professores e salas de aulas; outro, na então Praça Lauro Muller (n.º. 2), abrigando salão de conferências, salas de professores e o curso de História e Geografia; por fim, um prédio na Rua Ferreira Lima (s/n), onde funcionaram os cursos de língua e literatura. Com a criação da primeira universidade de Santa Catarina, na década de 1960, foi também a primeira unidade de ensino a ser construída na cidade universitária do bairro Trindade, hoje o principal *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina.

6. Casario da Rua Esteves Júnior

Trata-se de outro conjunto arquitetônico que é vestígio de paisagem gradativamente substituída. Neste caso, são casas geminadas, do início do século XIX. Nessa época, ao longo da Rua do Passeio, diversas casas em estilo colonial (geminadas ou não) se misturavam a chácaras e palacetes da elite da época. Atualmente, abriga atividades comerciais diversas.

7. Praça Esteves Jr. / Antigo Forte São Francisco Xavier

Na área onde hoje fica a Praça Esteves Jr. originalmente se localizava o Forte São Francisco Xavier, a primeira edificação a compor o sistema de defesa da Ilha de Santa Catarina construído entre 1761 e 1765. Desaparecido por volta de 1840, dele restam apenas 3 canhões, encontrados soterrados em 1998 e 1999, 2 deles permanentemente expostos na praça.

Em 1862, a municipalidade traçou na área uma praça, chamada Largo Lauro Müller, que foi descrita por Virgílio Várzea em 1900 como pequeno, dotado de “elegante jardim, de estreitas ruas areadas e minúsculos canteiros verdejantes. Cercado de um gradil em retângulo, como o do Largo Quinze de Novembro, torna-se, como este, aos domingos e feriados um belo ponto de distração.” O mesmo Virgílio Várzea indicou que o local era, por volta de 1900, “um dos pontos principais de desembarque na baía do norte, onde o mar faz esplêndida enseada, e que é o ancoradouro dos navios quando sopra o vento sul, ameaçador e terrível pela quadra invernal.” Devido à presença de um busto de Esteves Júnior, a praça recebeu seu nome na década de 1990, quando o nome de Lauro Müller foi atribuído a outra praça, próxima ao antigo “Campo da Liga” (atual Beira-Mar Shopping), visitada na caminhada anterior.

8. Antiga Estação Elevatória de Tratamento de Esgotos

Construção no estilo neo-mourisco, inspirado na arquitetura de países islâmicos, difundido na Europa principalmente no fim do século XVIII. É remanescente da primeira rede de esgotos implantada na cidade, entre 1909 e 1916. Funcionava por meio de energia elétrica, em conjunto com outras três estações, localizadas na esquina da Praça Fernando Machado, na Praça Celso Ramos e na Agrônômica. Foi tombada em nível municipal em 1985.

9. Largo São Sebastião

A construção da Igreja de São Sebastião, principal elemento do largo, em meados do século XIX, está diretamente ligada às diversas epidemias que assolaram a cidade naquele momento histórico, aumentando consideravelmente a taxa de óbitos. A isso está associado um crescimento da devoção popular a São Sebastião, considerado o protetor contra as doenças. Por iniciativa do deputado José Maria da Luz, a Câmara Municipal doou o terreno para a construção da Igreja, marcada por características coloniais quando foi erguida, em 1856. O próprio deputado doou parte de sua chácara, que foi integrada a frações de terrenos de José da Silva Paranhos e João Moreira da Silva para conformar o terreno para construção da igreja. Investimentos da comunidade levaram a diversas reformulações que conferiram estilo eclético à edificação, com forte inspiração românica e gótica.

10. Chalés da Rua Bocaiúva

Chácaras, chalés e amplas residências que mostram algumas inovações arquitetônicas trazidas pela Revolução Industrial, como o uso de elementos arquitetônicos em ferro e de colunas mais finas e ornamentais, além de abundante decoração em massa. Um dos destaques no conjunto é a antiga residência do barão Dietrich Freiherr Von Wangenheim, ao lado da qual funcionava o Consulado Alemão, que foi alvo de manifestações anti-germânicas durante a Segunda Guerra Mundial, como apedrejamentos. Restaurada e integrada ao Centro Executivo Casa do Barão, a edificação retomou seu prestígio nas últimas décadas. Por essa rua, antigo caminho da Praia de Fora, passava uma das linhas de bonde que ligava a Agrônômica ao Centro.

11. Casas na Avenida Trompowsky

O polígono formado pela Rua Victor Konder, Avenida Trompowsky, Rua Alves de Brito e Rua Bocaiúva pertencia originalmente ao gerente comercial José Feliciano Alves de Brito (o mesmo cujo nome é empregado a uma dessas ruas). A Avenida Trompowsky foi aberta em 1909 e imediatamente recebeu trilhos de bonde. Seu nome é uma homenagem ao professor Robert Trompowsky Leitão de Almeida (1853-1926), da Escola Militar, cujos trabalhos sobre Cálculo Integral receberam destaque internacional no alvorecer do século XX. Algumas casas desta avenida são exemplos do modo de vida das classe mais abastadas no início do século, conforme comentado anteriormente (pontos 3, 5 e 10).

12. Grupo Escolar Silveira de Souza

O Grupo Escolar Silveira de Souza, localizado na Rua Alves de Brito no Centro de Florianópolis/SC, foi o quinto Grupo Escolar a ser inaugurado em Santa Catarina, no dia 28 de setembro de 1913. A criação dos Grupos Escolares fez parte do movimento de reorganização da escola primária catarinense na década de 1910. A edificação é composta por duas alas simétricas, originalmente destinadas à separação dos estudantes por gênero. Transformada em Escola Básica em 1971, a instituição recebe atualmente cerca de 500 alunos. Seu nome é uma homenagem ao advogado desterrense João Silveira de Souza, nascido em 1924, que, entre outros cargos públicos, foi presidente das Províncias do Ceará, Pernambuco, Maranhão e Pará e é o patrono da cadeira 18 da Academia Catarinense de Letras. O bem é protegido por tombamento.

13. Casario da Rua Victor Konder

Antigo caminho do bairro do Mato Grosso, a rua chamou-se Rua da Princesa e Rua Dr. Blumenau. Conforme as grandes chácaras deram lugar a lotes menores, no século XIX, despontaram casarões ecléticos que serviam como residência à burguesia local. Nos edifícios deste conjunto se destaca a ornamentação de inspiração francesa.

14. Antiga Escola de Aprendizes Artífices

A Escola de Aprendizes Artífices foi criada em 1909, com o objetivo de proporcionar formação profissional aos jovens de grupos sociais economicamente desfavorecidos. Sediada na Rua Almirante Alvim até 1919, quando foi transferida para a Rua Presidente Coutinho, oferecia formação em desenho, oficinas de tipografia, encadernação e pautação, além de cursos de carpintaria de ribeira (voltada para a construção de barcos), escultura e mecânica (ferraria e serralheria). Formava-se, assim, mão-de-obra para atender algumas demandas do mercado de trabalho da época.

É mais uma edificação com características da arquitetura industrial, além de fortes influências do ideário positivista que conduzia a educação na época, com acessos às salas de aula voltados para extenso alpendre, circundando um pátio central cujo ajardinamento é centrado em árvores frondosas. Protegido por tombamento estadual em 1986.

15. Antiga Casa de Chácara na Rua Presidente Coutinho, nº 380

Exemplar de habitação das famílias abastadas entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, naquela época cercado de extensa área verde. A casa de dois andares se destaca em uma esquina localizada em ponto elevado e possui fachada na qual chamam atenção os adornos em massa.

16. Avenida Rio Branco

Esta avenida foi implantada a partir de 1900, sendo que em 1916 já existia o trecho entre as ruas Presidente Nereu Ramos e Padre. Roma. A progressiva concretização de seus planos de expansão, datados de 1921, alcançando, de um lado, o Largo 17 de Novembro (atual Praça Getúlio Vargas) e, de outro, a ponte Hercílio Luz, indicam a modernização da região central do polígono urbano em meados do século XX. A ligação com a ponte não ocorreu devido às dificuldades no rompimento do maciço rochoso na área onde antes se localizava o cemitério alemão. Porém, ligada às vias de acesso à ponte, a avenida teve importante função no escoamento do tráfego entre a ilha e o continente. Exerceu papel fundamental para a substituição de extensas áreas de chácaras – portanto, de mata nativa – por construções residenciais, como chalés e habitações ecléticas. Foi também importante eixo de desenvolvimento da cidade para além do polígono que limitava seu desenvolvimento até meados do século passado, especialmente no que diz respeito à integração entre esse polígono e a região percorrida até aqui nesta caminhada.

17. Igreja Evangélica e Escola Alemã

Edificações de 1907 (escola) e 1913 (igreja), tombadas em nível municipal. Até 1958, ocupavam um mesmo terreno, dividido pela abertura da Rua Leoberto Leal. Apesar da crise e das perseguições anti-germânicas durante a Segunda Guerra Mundial (levando inclusive à desapropriação da Escola Alemã pelo governo estadual), o culto luterano permaneceu presente na comunidade local. Até a década de 1970, a torre da

igreja se destacava na paisagem, sendo posteriormente ocultada por construções de maior porte na região central da cidade.

18. Grupo Escolar Lauro Müller

Inaugurada em 1912, durante o governo de Vidal Ramos, um dos herdeiros políticos de Lauro Müller, a edificação foi construída especialmente com a finalidade de abrigar o Grupo Escolar, recebendo equipamentos e mobiliário trazidos de São Paulo e dos Estados Unidos. Em 1973, foi unido ao Grupo Escolar Barreiros Filho, passando a funcionar em dois prédios (o outro fica na Rua Nereu Ramos). De acordo com Eliane Veras da Veiga, no guia *Circuito Cultural de Florianópolis: 2000*, “o prédio, que é tombado pelo Município, conserva todas as características originais, das quais destacamos o pátio interno circundado por um corredor alpendrado, onde salientam-se colunatas de ferro”.

Referências

- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro – v.1: Notícia**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CARMINATI, Celso João. Conhecimento e formação de intelectuais na Faculdade Catarinense de Filosofia. **Cultura Escolar Migrações e Cidadania: Actas do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 20-23 Junho 2008, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). Disponível em: <http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_finais/eixo6/IF539.pdf>. Acesso em 23 jul.2009.
- COSTA, Carlito. A casa do historiador. **A Notícia** [AN capital], Joinville, 24 de agosto de 2003. Disponível em: < <http://www1.an.com.br/ancapital/2003/ago/24/1ult.htm> > Acesso em 21 de julho de 2009.
- GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Circuito Cultural de Florianópolis: 2000**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2000.
- SILVA, Adolfo Nicolich da. **Ruas de Florianópolis: resenha histórica**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1999.
- VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – a Ilha**. Florianópolis: IOESC, 1984. [originalmente publicado em 1900]
- VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. 2 ed. rev. ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.